

Metáfora pictórica em charge sobre a operação lava jato: uma abordagem situada

Pictorial metaphor in cartoon about operation lava jato: a situated approach

Naira Velozo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil

Sandra Bernardo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil

Resumo: Nesta investigação, analisamos uma charge em circulação em ambiente digital que recupera o contexto sociopolítico da indicação de Lula a ministro da Casa Civil, por meio da nomeação da ex-presidenta Dilma Rousseff, com o intuito de apresentar uma abordagem situada da metáfora pictórica. Para isso, adotamos, de forma integrada, a Semântica de *Frames* (LAKOFF, 2006; FILLMORE, 2006), a Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), a abordagem da metáfora monomodal e multimodal (FORCEVILLE, 2006, 2008, 2017; GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI; WEISS, 2019) e os conceitos de metáfora situada e nicho metafórico (VEREZA, 2010, 2013) como aporte teórico. A análise indica a atuação da metáfora pictórica como um guia para a construção cognitivo-discursiva da argumentação e a adequação da aplicabilidade de abordagens em Semântica Cognitiva em conjunto. Esperamos, com este trabalho, colaborar para o desenvolvimento teórico-metodológico do campo dos estudos da metáfora que se alinham à segunda fase da virada cognitivo-discursiva (VEREZA, 2013).

Palavras-chave: Metáfora pictórica. Metáfora situada. *Frames*. Argumentação.

Abstract: In this research, we analyze a cartoon circulating in a digital environment that recovers the sociopolitical context of Lula's nomination as Minister of the Civil House, through the appointment of former president Dilma Rousseff, with the aim of presenting a situated approach to pictorial metaphor. To this end, we adopt, in an integrated manner, Frame Semantics (LAKOFF, 2006; FILLMORE, 2006), Conceptual Integration Theory (FAUCONNIER; TURNER, 2002), the monomodal and multimodal metaphor approach (FORCEVILLE, 2006, 2008, 2017; GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI; WEISS, 2019) and the concepts of situated metaphor and metaphorical niche (VEREZA, 2010, 2013) as theoretical support. The analysis indicates that the pictorial metaphor acts as a guide for the cognitive-discursive construction of the argumentation and the adequacy of the applicability of approaches in Cognitive Semantics together. We hope, with this work, to contribute to the theoretical-methodological development of the field of metaphor studies that align with the second phase of the cognitive-discursive turn (VEREZA, 2013).

Keywords: Pictorial metaphor. Situated metaphor. *Frames*. Argumentation.

1 Introdução

Neste trabalho, analisamos uma das charges que integra o *corpus* em produção no âmbito do projeto de pesquisa “Metáfora e multimodalidade: descrição, estratégias de leitura e propostas pedagógicas para a formação cidadã”, financiado pelo Programa PROCIÊNCIA da UERJ (2022-2025) e embrião do projeto de pesquisa “Conexões metafóricas: construindo redes para a formação cidadã”, o qual foi contemplado com a bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado em 2024. O *corpus* é constituído de textos pictóricos e multimodais em que um ou mais elementos verbais e/ou imagéticos apresenta potencial metafórico. Os textos foram selecionados a partir de pesquisa por palavras-chave em ferramentas de busca do Google Imagens ou disponibilizadas pelas redes sociais Facebook, Instagram ou X/Twitter, inicialmente, de forma livre quanto à fonte e ao período de publicação. A charge escolhida para esta análise recupera o contexto sociopolítico da nomeação de Lula como ministro da Casa Civil, realizada pela ex-presidenta Dilma Rousseff. À época, essa ação foi interpretada como uma manobra para livrar Lula de uma possível condenação pela Operação Lava Jato ou como uma estratégia para fortalecer a articulação política do governo e barrar o processo de *impeachment* sofrido por Dilma.

Devido às possibilidades de enquadramentos distintos como esses, neste artigo, a charge foi escolhida como objeto de análise a fim de apresentarmos um tratamento da metáfora pictórica como fenômeno situado e, assim, propormos uma reflexão sobre o seu papel na condução cognitivo-discursiva da argumentação e sobre a aplicabilidade de abordagens em Semântica Cognitiva em conjunto. Para tanto, em concomitância, adotamos a Semântica de *Frames* (LAKOFF, 2006; FILLMORE, 2006), a Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), a abordagem da metáfora monomodal e multimodal (FORCEVILLE, 2006, 2008, 2017; GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI; WEISS, 2019) e os conceitos de metáfora situada e

nicho metafórico (VEREZA, 2010, 2013) como aporte teórico.

Este trabalho, portanto, é qualitativo quanto à abordagem, devido à escolha por uma análise interpretativista; bibliográfico quanto aos procedimentos de seleção de textos e de análise, em razão da relevância de conceitos-chave do campo dos estudos da metáfora para a construção e o estudo do *corpus*; e descritivo quanto aos objetivos, tendo em vista a análise e a interpretação sistemática do objeto de estudo.

A análise partiu dos seguintes procedimentos:

(i) reconhecimento de pistas textuais verbais e/ou imagéticas que funcionam como gatilhos para o acionamento de metáforas; (ii) identificação dos *frames* envolvidos no processamento metafórico; (iii) descrição dos mapeamentos metafóricos ativados a partir do texto; (iv) análise de sentidos produzidos a partir da charge e de seus propósitos argumentativos.

Com este exercício de análise, pretende-se (i) contribuir com as investigações teórico-metodológicas acerca da metáfora pictórica sob uma abordagem situada; (ii) refletir sobre o funcionamento de *frames* e metáforas situadas na construção do sentido global do texto; e (iii) apontar o papel discursivo-argumentativo dos mapeamentos metafóricos ativados a partir da charge.

O trabalho está organizado em outras três seções, além desta introdução. Na segunda seção, apresentamos os conceitos que sustentam a análise; na terceira seção, propomos uma análise da charge com foco na investigação do funcionamento cognitivo-discursivo da metáfora pictórica; por fim, expomos algumas considerações.

2 Estruturas e processos da conceptualização

Lakoff e Johnson (2002) conceituam a metáfora como um mecanismo cognitivo relacionado a habilidades cognitivas gerais (percepção, atenção, memória, categorização) e habilidades linguísticas, estabelecendo uma distinção entre o ‘conceito metafórico’, ou metáfora conceptual, e as expressões metafóricas a partir das quais é possível o acesso ao

conceito. Os autores argumentam que o processo metafórico se caracteriza pela compreensão e experimentação de um tipo de coisa em termos de outro, de outra natureza, através da ativação de dois domínios conceptuais e de projeções entre eles. Nessa perspectiva, a metáfora é definida como mapeamentos estáveis e sistemáticos unidirecionais, do domínio-fonte, que geralmente compreende propriedades físicas, para o domínio-alvo, o qual se deseja compreender melhor ou está em foco.

Domínio é uma área coerente de conceituação por meio da qual unidades semânticas podem ser caracterizadas. Os domínios são altamente esquemáticos e possuem natureza proposicional. Segundo Langacker (1987), um domínio-matriz pressupõe uma variedade de conceitos que caracterizam diferentes aspectos do domínio. Kövecses (2020) argumenta que é possível distinguir domínios de *frames* somente em razão do grau de esquematicidade. Fillmore (2006, p. 373, tradução nossa) define *frame* como um “sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram”. Essas estruturas cognitivas elaboram aspectos particulares de um domínio, como uma cena com papéis definidos e relações entre esses papéis, a qual pode ser perspectivizada de múltiplos pontos de vista, por exemplo, o *frame* JULGAMENTO, que pode ser perspectivizado do ponto de vista do juiz, do réu, da vítima ou das testemunhas. Logo, os *frames* são menos esquemáticos e mais específicos que os domínios (KÖVECSES, 2020, p. 53-54).

Para Lakoff (2006), o *frame* estrutura ideias e conceitos, configura maneiras de raciocinar e interfere nas percepções e ações humanas de forma, em parte, inconsciente. O *frame* pode ser classificado em três tipos: (i) superficiais, caracterizados como “*slogans* cativantes”, os quais são capazes de manipular a inteligência dos interlocutores e se constroem a partir de *frames* lexicais, ou melhor, a partir do sentido recorrentemente associado às palavras, mas se sustentam em *frames* profundos; (ii) intermediários, compreendidos como *frames* definidores de questão, os quais especificam o problema, atribuem culpa e restringem soluções, bloqueando preocupações

relevantes que estão fora de seu escopo; (iii) profundos, que estruturam princípios e conceitos fundamentais, constituindo o “bom senso” geral ou visão de mundo de um indivíduo. Assim, os *frames* superficiais operam *online*, enquanto os intermediários e profundos são *frames offline*.

Para os fins de análise deste trabalho, não só os *frames* serão considerados em seu funcionamento *online*, mas também a metáfora. Por isso, adotamos o conceito de “metáfora situada”, que, segundo VEREZA (2013), é caracterizada como local, episódica e deliberada, uma vez que estrutura cognitivamente “textos específicos, principalmente nichos metafóricos encontrados nesses textos” (VEREZA, 2013, p. 6), ainda que não necessariamente seja linguisticamente explicitada. A autora aponta que a metáfora situada “conduz, cognitiva e discursivamente, todo um desdobramento, ou mapeamento textual, *online*, episódico, construindo [...] um ponto de vista, de uma maneira deliberada” (VEREZA, 2013, p. 6), encontrando-se, por isso, na interface entre cognição e pragmática.

Nicho metafórico é compreendido como uma rede metafórica tecida a partir de desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas situadas em uma unidade semântico-discursiva no texto, formando um todo coerente com propósito claramente argumentativo (VEREZA, 2010, p. 209-210). Assim, além de estruturar o texto, o nicho metafórico organiza a argumentação, por meio de mapeamentos metafóricos construídos discursiva e cognitivamente.

Neste trabalho, pretendemos apresentar uma abordagem situada da metáfora pictórica. Forceville (2006) classifica as metáforas em monomodal ou multimodal. Na primeira, alvo e fonte são, exclusiva ou predominantemente, constituídos por um único modo, como as metáforas manifestadas em modo verbal ou pictórico; enquanto, na segunda, alvo e fonte são manifestados, exclusiva ou predominantemente, em modos diferentes. O autor define modo como um sistema de signos interpretável devido a um processo de percepção específico relacionado a um dos cinco sentidos. Os modos incluem sinais pictóricos, escritos, falados, gestos, sons, músicas, cheiros, gostos, toques.

As metáforas monomodais pictóricas são classificadas em quatro subtipos, a saber:

i) híbrido, caracterizado por homoespacialidade e por não compatibilidade, quando dois fenômenos são representados visualmente como ocupando o mesmo espaço de uma maneira fisicamente impossível. Como observa Gonçalves-Segundo, Isola-Lanzoni e Weiss (2019, p. 39), neste tipo de manifestação metafórica, “componentes visuais de ambos os domínios – fonte e alvo – encontram-se amalgamados em uma mesma figura, constituindo uma unidade”;

ii) contextual, definido em função da inserção de um objeto em um contexto visual pouco provável. Gonçalves-Segundo, Isola-Lanzoni e Weiss (2019) argumentam que, nesse caso, um elemento periférico da imagem, que, em geral, constrói o domínio-fonte, é responsável pela ativação de um mapeamento metafórico referente ao elemento focal, ocasionando uma releitura da imagem e, assim, desviando a interpretação de um sentido mais convencional;

iii) símile pictórico, quando dois objetos são representados em sua totalidade de modo que se pareçam. Esse tipo de metáfora, portanto, é ativada pela “justaposição entre unidades imagéticas que passam a ser comparáveis em função de alguma propriedade construída como compartilhada entre elas” (2019, p. 43). A construção da semelhança pode ocorrer em função da forma, da posição, da cor, da iluminação, da função, entre outros aspectos;

iv) integrada, em que um fenômeno é experimentado como objeto unificado e representado de modo que se assemelhe a outro objeto, ainda que não haja pistas contextuais. Nesse caso, não ocorre propriamente um amálgama entre dois domínios, pois não se observa, na unidade imagética, uma parte que desempenhe o papel de ponto de articulação entre os domínios, a partir do qual a metáfora emergiria (GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI; WEISS, 2019). Em vez disso, a unidade representa em sua totalidade (um elemento de) um domínio específico, mas pode ser reconceptualizada como (um elemento de) outro domínio. Essa metáfora também pode ser reconhecida pela relação de alvo em formato de fonte

(GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI; WEISS, 2019).

Tendo em vista o objetivo de apresentar uma abordagem situada da metáfora pictórica e que o modelo de Lakoff e Johnson (2002) se baseia no mapeamento entre domínios, os quais são estruturas estabilizadas armazenadas na memória de longo prazo, optamos, nesta pesquisa, por representar as projeções metafóricas a partir do modelo de rede de integração conceptual, já que, no âmbito dessa teoria, aborda-se a construção do sentido *online*, na memória de trabalho.

Conforme a Teoria da Integração Conceptual, o sentido é construído por meio de projeções entre, no mínimo, quatro espaços mentais ativados em concomitância, quais sejam: (i) espaços-*input* 1 e 2, definidos como domínios de conhecimento iniciais interconectados; (ii) espaço genérico, que contém informações básicas comuns aos elementos dos *inputs* e possibilita a ativação simultânea e o acesso a todos os espaços da rede durante todo o processamento da informação; e (iii) espaço-mescla, onde surge o novo sentido, denominado estrutura emergente, a partir da projeção parcial de elementos dos espaços-*input*.

Espaços mentais são domínios cognitivos que emergem e se dissipam durante o pensamento e a fala, por meio dos quais se processam informações de forma particionada (FAUCONNIER, 1997). Embora esses espaços operem na memória de trabalho, são construídos parcialmente pela ativação de estruturas da memória de longo prazo, como os *frames*. O processo de integração conceptual depende ainda das operações cognitivas identidade e imaginação (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 6). A construção da identidade consiste em perceber equivalências e oposições entre elementos concretos ou abstratos, com o propósito de estabelecer relações entre eles e/ou delimitá-los. Integração e identidade dependem da imaginação, uma vez que o cérebro é capaz de produzir simulações, como sonhos e cenários hipotéticos.

Nos espaços mentais, papéis ativados por meio do recrutamento de *frames* para a memória de trabalho são preenchidos com valores específicos.

Dito de outra forma, papéis são preenchidos por valores no discurso *online*, para finalidades específicas, como o cumprimento de propósitos argumentativos. Logo, os espaços mentais são estruturas emergentes mais específicas, portanto, menos esquemáticas, ao contrário das estruturas mais estáveis que os organizam internamente, como domínios e *frames*.

Na próxima seção, apresentamos a análise, a fim de refletir sobre o funcionamento *online* da metáfora pictórica, da metáfora multimodal e sobre a operação dos *frames online* e *offline* na estruturação da rede metafórica.

3 Grampo é cruz: o papel da metáfora pictórica na argumentação

A charge selecionada para a análise, publicada em 17 de março de 2016, recria o cenário da crucificação de Cristo e atualiza o enunciado bíblico “Ainda hoje estarás comigo no paraíso” por meio da paráfrase discursiva “Ainda hoje estarás comigo na presidência”. No lugar de Jesus Cristo e do ladrão Dimas, que se arrepende de seus pecados, são representados, de forma caricaturada, respectivamente, os atores políticos Dilma e Lula. Devido à disposição na imagem, grampos de cabelo se encontram em formato de cruz, de maneira análoga a esse instrumento de tortura, conforme podemos verificar na Figura 1.

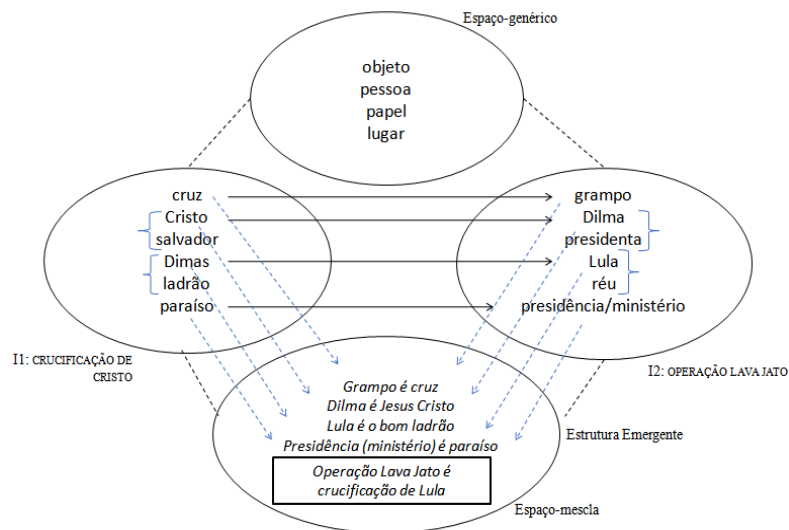
Figura 1 – “Ainda hoje estarás comigo na presidência”



Fonte: Jornal VS¹

Na Figura 2, apresentamos uma proposta de representação em rede de integração conceptual da conceptualização da charge, de onde partirá a análise.

Figura 2 – Operação Lava Jato é crucificação de Lula



Fonte: autoras

¹Disponível em: https://www.jornalvs.com.br/_conteudo/2016/03/noticias/regiao/296334-lula-como-ministro-do-governo-dilma-nas-charges-dos-jornais.html. Acesso em: 10 jul. 2023.

Na Figura 2, o *input* 1 é internamente estruturado pelo *frame* superficial CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO, acionado por um *frame* lexical, a paráfrase discursiva “Ainda hoje estarás comigo na presidência”, que atualiza o enunciado “Ainda hoje estarás comigo no paraíso”, e pela disposição espacial dos grampos de cabelo, em forma de cruz, e dos personagens, lado a lado, pregados na cruz. Esse *input* é constituído por elementos como “cruz”, “Cristo”, salvador”, “Dimas”, “ladrão” e “paraíso”. O *input* 2, por sua vez, é fundamentado pelo *frame* superficial OPERAÇÃO LAVA JATO, acionado em razão do *frame* lexical “presidência” e das imagens do grampo de cabelo, que recupera o conceito de grampo telefônico, e das caricaturas de Dilma e Lula. Constituem o *input* 2 elementos como “grampo (telefônico)”, “Dilma”, “presidenta”, “Lula”, “réu” e “presidência/ministério”.

Internamente aos *inputs*, ocorrem projeções PAPEL-VALOR, representadas pelo uso de chaves no diagrama. No *input* 1, “Cristo” é um VALOR para o PAPEL “salvador” e “Dimas” um VALOR para o PAPEL “ladrão”; no *input* 2, Dilma e Lula são VALORES para os PAPÉIS “presidenta” e “réu” respectivamente. Conforme salientam Fauconnier e Turner (2002), toda relação de ANALOGIA (ou metáfora) se constrói a partir de uma projeção PAPEL-VALOR. Dessa forma, entre os *inputs* 1 e 2, ocorrem projeções metafóricas entre os elementos “grampo” e “cruz”, “Dilma” e “Jesus Cristo”, “Lula” e “Dimas” e “presidência/ministério” e “paraíso”, as quais são licenciadas por conceitos mais básicos comuns aos *inputs*, presentes no espaço genérico, a saber: “objeto”, “pessoa”, “papel” e “lugar”.

O espaço-mescla é estruturado por ambos os *frames* que fundamentam os *inputs* e herda, parcialmente, elementos dos dois espaços de entrada. Desse modo, as relações analógicas entre os *inputs* são comprimidas em SINGULARIDADE na mescla, espaço em que *Grampo é cruz*, *Dilma é Jesus Cristo*, *Lula é o bom ladrão* e *Presidência/ministério é paraíso*. Com base em Vereza (2013) e Forceville (2006, 2008), pode-se argumentar que a charge constitui um nicho metafórico em razão da construção de uma rede metafórica a partir dos desdobramentos textuais e cognitivos ocasionados pela metáfora pictórica

contextual *Grampo é cruz*, de natureza situada, devido à sua construção *online* e ao seu caráter local e episódico (não convencional), que visa à apresentação de um ponto de vista deliberado com propósito argumentativo.

Grampo é cruz, segundo Forceville (2006), classifica-se como uma metáfora monomodal, pois a projeção metafórica ocorre entre dois elementos constituídos pelo mesmo modo, o pictórico. O elemento “cruz” integra o *frame* CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO, e o “grampo”, o *frame* OPERAÇÃO LAVA JATO, devido à saliência conceptual das acepções ‘prendedor de cabelo’ e ‘captação de uma conversa telefônica sem o conhecimento de seus participantes’, ambas apoiadas no conceito de ‘apreensão’. Logo, no *input* 2, ativa-se o conceito de interceptação telefônica, ocorrida durante a Operação Lava Jato, a partir da forma do grampo de cabelo, uma vez que os dois conceitos recebem a mesma designação. Essa metáfora pictórica se enquadra no subtipo contextual, exatamente em função da inserção do objeto ‘grampo (de cabelo)’ em um contexto visual pouco provável, a cena de crucificação, o que corrobora a tipologia proposta por Forceville (2006, 2008).

A ativação da metáfora *Grampo é cruz* e a atribuição da enunciação da paráfrase discursiva “Ainda hoje estarás comigo na presidência” à Dilma, direcionada a Lula, possibilita o acionamento de desdobramentos textuais por meio dos mapeamentos *Dilma é Jesus Cristo*, *Lula é o bom ladrão* e *Presidência/ministério é paraíso*, que ocorrem entre os *frames* CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO e OPERAÇÃO LAVA JATO. Tendo em vista essa rede metafórica, no espaço-mescla, a metáfora multimodal *Operação Lava Jato é crucificação de Lula* surge como estrutura emergente, a partir de projeções entre elementos verbais (“presidência” e “paraíso”) e pictóricos (“Dilma”, “Lula”, “grampo”, “cruz”).

Embora os *frames* superficiais CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO e OPERAÇÃO LAVA JATO sejam complementares para a construção do significado da charge, que emerge da formação de uma rede de escopo duplo sem conflito – rede de integração conceptual cuja estruturação da mescla se

fundamenta em ambos os *frames* estruturantes dos *inputs* –, nos níveis intermediário e profundo, a construção de sentidos a partir da charge se apoia em *frames* concorrentes.

No nível intermediário, a construção de significados sobre a Operação Lava Jato pode ser perspectivizada como PERSEGUIÇÃO POLÍTICA ou INVESTIGAÇÃO LEGAL a depender do *frame* profundo – o qual envolve, por exemplo, posicionamentos ideológicos – em que esses *frames* de definição de questão se apoiam. No enquadre PERSEGUIÇÃO POLÍTICA, há atribuição de culpa ao Ministério Público Federal (MPF) e ao juiz Sérgio Moro, respectivamente, pelas denúncias de corrupção passiva e lavagem de dinheiro contra Lula e pelo recebimento dessas denúncias, o que levou Lula à condição de réu na Operação Lava Jato.

No âmbito desse *frame*, a nomeação de Lula a ministro da Casa Civil, efetivada por Dilma, pode ser compreendida como uma solução para o problema da perseguição política ou proteção ao então ex-presidente, que impediria a sua prisão, pois Lula teria foro especial por prerrogativa de função, coloquialmente referido como foro privilegiado. Logo, para que Lula fosse investigado e chegasse a ser preso, dependeria da autorização do Supremo Tribunal Federal (STF), ficando fora do alcance das investigações conduzidas pela Operação Lava Jato. Vale ressaltar que a possibilidade de prisão de Lula pela Lava Jato foi uma preocupação manifestada por Dilma em uma das conversas captadas por interceptação telefônica à época da investigação. Nessa conversa, “Dilma diz a Lula que enviará a ele o documento de posse para o cargo de ministro da Casa Civil, para usar ‘em caso de necessidade’” (VIEIRA; AGOSTINE; CASADO, 2016). Dessa forma, a nomeação de Lula a ministro da Casa Civil representaria sua salvação ou absolvição, licenciando o papel de salvadora ocupado por Dilma na charge. Nesse sentido, na charge, a indicação de Lula ao ministério/presidência (com foro privilegiado) é metaforizada como ascensão ao paraíso.

Para o conceptualizador cujo *frame* definidor de questão é o de INVESTIGAÇÃO LEGAL, a tentativa de absolvição de Lula de uma provável prisão é

enquadrada como o problema; a culpa é atribuída ao próprio Lula, ao se presumir seu envolvimento em ações corruptas, e à Dilma, por tentar impedir a prisão do réu; e a condenação e a prisão do então ex-presidente são conceptualizadas como solução. Nesse enquadre, o grampo (de cabelo/telefônico) é análogo à cruz, por ser o meio ou instrumento para a condenação/crucificação, e Lula ocupa o papel de culpado/condenado que busca salvação/absolvição em Dilma, como o bom ladrão o fez com Cristo.

Verificamos, com esta breve análise, que a metáfora pictórica contextual situada *Grampo é cruz* desempenha papel fundamental para a ativação de conhecimentos enciclopédicos e para a construção cognitivo-discursiva da argumentação, cujo ponto de vista depende da perspectivação dos *frames* superficiais a partir de diferentes *frames* intermediários e profundos em que se apoia.

4 Conclusão

A motivação para o desenvolvimento dessa análise parte de reflexões acerca dos trabalhos de Fillmore (2006), Forceville (2006, 2008, 2017) e Vereza (2010, 2013) e do desejo de exploração da aplicabilidade de suas abordagens em conjunto para a compreensão da construção de sentidos ativados pelo texto multimodal, neste caso, a charge. Fillmore (2006) e Vereza (2010, 2013) desenvolvem seus estudos, respectivamente, com base no léxico e na manifestação verbal da metáfora, enquanto Forceville (2006, 2008, 2017) se concentra na investigação de manifestações metafóricas pictóricas e multimodais no texto publicitário, em uma abordagem cognitiva, com objetivo descritivo e classificatório, o que se distancia da abordagem cognitivo-discursiva proposta por Vereza (2010, 2013), que retoma a discussão sobre as manifestações discursivas como lócus para o estudo da metáfora. Tendo em vista esses aspectos, neste trabalho, pretendemos lançar luz sobre a metáfora pictórica com base na abordagem situada proposta por Vereza (2010, 2013), a fim de refletir sobre seu papel na condução cognitivo-discursiva da argumentação em textos multimodais, o que não está em foco nos trabalhos de Forceville (2006, 2008, 2017).

A análise indica adequação do tratamento da metáfora pictórica, e da metáfora multimodal, como fenômeno cognitivo-discursivo e da aplicabilidade da adoção conjunta das abordagens da metáfora situada (Vereza, 2010, 2013), da metáfora monomodal e multimodal (Forceville, 2006, 2008, 2017; Gonçalves-Segundo; Isola-Lanzoni; Weiss, 2019), da Teoria da Integração Conceptual (Fauconnier e Turner, 2002) e da Semântica de *Frames* (Lakoff, 2006; Fillmore, 2006) ao estudo do texto multimodal que privilegia a relação entre metáfora, cognição e discurso. Podemos argumentar que a metáfora *Grampo é cruz* mobiliza relações entre os *frames* CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO e OPERAÇÃO LAVA JATO para a formação de uma rede metafórica com propósito argumentativo. Nessa rede, a metáfora pictórica atua como um guia para a construção do sentido ao possibilitar a ativação do espaço mental da interceptação telefônica em que Dilma manifesta sua preocupação com uma possível prisão de Lula e aponta como solução nomeá-lo como ministro da Casa Civil. Sem a imagem do grampo, o conceptualizador poderia, por exemplo, conferir maior saliência perceptual à posição de Dilma na charge e acionar o contexto do processo de *impeachment*, não explorado nesta análise.

Esperamos, com esta breve análise, colaborar para o desenvolvimento teórico-metodológico do campo dos estudos da metáfora que se alinham à segunda fase da virada cognitivo-discursiva (Vereza, 2013) e da multimodalidade em geral.

Referências

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FILLMORE, Charles. J. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk (Ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373-400.

FORCEVILLE, Charles. Metaphor in pictures and multimodal representations. In: RAYMOND, Gibbs. (ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In: KRISTIANSEN, G.; ACHARD, M.; DIRVEN, R.; IBÁÑEZ, F. (eds.). *Cognitive Linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 379-402.

FORCEVILLE, Charles. *Visual and multimodal metaphor in advertising: cultural perspectives*. Styles of Communication. Amsterdam, v. 9, n. 2, p. 26-41, 2017.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; ISOLA-LANZONI, Gabriel; WEISS, Winola. Entendeu ou quer que Desenhe?: Metáforas Multimodais Aplicadas ao Ensino de Língua Portuguesa. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan; COSTA, Renata Ferreira (Orgs.). *Multimodalidade e Práticas de Multiletramentos no Ensino de Línguas*. 1ed. São Paulo: Blucher, 2019. p. 31-56.

KÖVECSES, Zoltán. *Extended conceptual metaphor theory*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2020.

LAKOFF, George. *Thinking Points: communicating our american values and vision*. California: Rockridge Institute, University of California, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução por Vera Maluf. Mercado de Letras: São Paulo: EDUC, 2002[1980].

LANGACKER, Ronald. W. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

VEREZA, Solange Coelho. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, nº 41. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, 2010. p. 199-212.

VEREZA, Solange Coelho. "Metáfora é que nem...": cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*,

v. 38, n. 65. Santa Cruz do Sul: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul, 2013. p. 2-21.

VIEIRA, André Guilherme; AGOSTINE, Cristiane; CASADO, Letícia. Escuta mostra ação de Dilma a favor de Lula. *Valor econômico*, v. 16, n. 3965, 17/03/2016. Política, p. A5. Disponível em:
<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/520377/noticia.html?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 jan. 2024.